





# Chronica

É o caso de se dizer que estamos sem rei nem roque.

Mas este bom povo e sereno, pachorrento, pé de boi, paz pôdre, um pobre diabo cheio de vinho e vasio de pão, enfeitado com o seu tado e o seu lindo sol, como bom mosarabe que é, e preferindo a crista de gallo do barrete phrygio o raminho d'oliveira da paz inalteravel.

As attentões publicas seguem o roteiro aos Açores, e os creídos politicos tornam-se em *padre-nossos* de barriga cheia... de vento.

O bom portuguez já não péde a Deus que lhe dê o pão de cada dia: péde-lhe que lhe leve o vinho de cada anno.

Com o decreto dictatorial de 14 de junho, os pobres viticultores ficaram a pão e laranja — ou, dizendo melhor — sem pão nem laranja.

Não contente com isso, o sr. José Maria dos Santos, com os punhos cheios d'ouro e o coração a trasbordar de caridade... propria, ainda vem encraval-os mais, abrindo a sua caldeira ao vinho ordinario e deixando os pequenos proprietarios das vinhas d'encosta condemnados á caldeira... de Pero Botelho.

Afinal, quem ganha é o sr. José Maria, que vê entrar pela casa dentro vinho bom, vinho fino, cépa d'encosta... a menos de quinze réis o litro.

### Tertius gaudet.

É realmente uma terra... santa, a terra do sr. José Maria dos Santos!

E enquanto isto se passa, os quatro ministros que ficáram, continuam a reunir-se todos os dias na sala do conselho de Estado, a resfasteiar-se nas velhas poltronas de damasco, e a dizer lá consigo que quando uns cantam, cantam todos, e que quando ha pandega no mar para uns, déve haver pandega em terra para os outros.

D'ahi, o deixar correr, que a vida é curta.

A bisbilhotice indigena, essa é que sempre n'uma dobadooura.

Por que jantaram juntos, no Bragança, um ministro, um ex-ministro, um deputado e um governador civil,

o capote e lenço da alcovite chrou logo mysterios profundos, concibulo demolidores, e os destinos d'isto tudo decididos entre um copo de Johannisberg e um peru trufado.

E a final de contas, o jantar do Bragança, em vez d'um embaraço politico, o mais que poderia ter dado era um embaraço... gastrico.

Mas nem isso. A carne é pouca e o vinho é mau.

Hoje em dia, já não ha quem tenha indigestões e ainda menos quem se *entorte*, — nem mesmo com a suprema esthesia dos bebedos de Velasquez.

É uma terra liquidada, esta, onde á unica coisa indigesta são as *Poucas Linhas* amorosas do sr. Sergio de Castro, e onde a unica coisa *torta* é o olho... *direito* do sr. José Dias!

Isto para toda a gente, menos para os viticultores, porque para esses só ha n'este mundo uma coisa *torta*...

É a *cépa*!

THYRSO.



O sr. presidente do concelho deu hontem, na sua esplendida vivenda de Algés, uma animadissima descompostura no sr. conselheiro João Franco.

O nosso collega Magalhães Lima offereceu hontem, a alguns amigos intimos, um jantar de galinha, de que damos em seguida o

### MENÚ

Uma mão-cheia de milho  
Um têsto com agua.



O *Diario Illustrado* mudou de orientação politica, como se sabe, mas em questões de amor continua a ser o mesmo lamécha de ha 30 annos.

É isto que se está vendo:

«Vi-s só duas horas «depois... em... de noute f i divertido... qual de nós é mais do que sabe? e do que ainda hoje disse?... temos o que merecemos».

Temos visto muita pouca vergonha e coisas muito descaradas. Mas assim, nunca!

Isto só pode ter uma explicação decente, baseada nas phrases aqual de nós é mais, do que sabe e «temos o que merecemos». É o annuncio ser do sr. João Franco ao sr. Hintze...

## BIBLIOGRAPHIA

*Alderá na corte* — peça em 3 actos, de D. João da Camara e Deifim Guimarães.

Para quem méde o valor das peças pelo seu successo de publico e pelo seu numero de recitas, foi uma peça *cahida*. Para nós, que a vimos e a temos, é uma peça *levantada*, cheia de bom theatro e de litteratura... até hã de mais.

João da Camara tem mais uma joia na sua collecção. Deifim Guimarães, esse, teve antes de tudo, e acima de tudo, a honra de ser apresentado por um mestre, — o que n'estes tempos que vão correndo não é nada máu.

Um abraço a ambos e uma venia pelo seu talento.



*Héroes modernos*, — poema pelo Sr. Affonso Gayo.

Tinhamos grande prazer em ser agradaveis ao Sr. Gayo, que é um moço muito sympathico e muito estimavel, mas infelizmente esta secção é a unica onde se não ri no nosso jornal, e, por consequente, temos de dizer a sério o que pensamos do seu ultimo livro — *Héroes modernos*.

Em resumo, pensamos isto:

Que o Sr. Gayo não ganhou muito em tel-o publicado. Que ao Sr. Gayo falta uma condição que a monsieur de La Palisse já parecia indispensavel para fazer bons versos: ser poeta e ter talento poetico. Que insistindo na cultura das musas, que não lhe são felizes, o Sr. Gayo está remando contra a maré. Que a prova é a obscuridade do nome e da pessoa do Sr. Gayo, que ninguem conhece senão nós, — obscuridade que não lhe será facil romper senão dizendo mal d'is outros que lhe estão por cima vinte varas, — o que o Sr. Gayo decerto nunca fez nem fará, porque é um moço sobre inodo sympathico, honesto, e que nós na verdade estimamos.

Muitos agradecimentos pela verdadeza da sua offerta.



*Eclogas de Virgilio*, por Coelho de Carvalho.

Uma traducção que vale o melhor dos originaes. As eclogas do grande Virgilio dadas em portuguez por um poeta algarvio, amante da côr, brilhante como poucos e cultivando a bella e pura linguaera portugueza, como um classico acabado. Sobre tudo a parte dada em redondilha é um primôr. Mil obrigados a Coelho de Carvalho pela excellente offerta.



*Degenerescencia*, por Albino Pacheco.

Um livro tecnico, mas ao que nos pareceu da sua leitura, — a nós leigos — excellente de contextura litteraria e sangrento de verdades como punhos. Felicitamos cordalmente o Sr. doutor Albino Pacheco pelo seu trabalho e fazemos lhe os nossos cumprimentos, — como creaturas que tem a certeza de que vão degenerando... por culpa dos nossos papás e avós e por nossa propria culpa, Amen Jesus.



## QUESTÃO VINICOLA

Para obviar a abusos e remover obstaculos que impedem o regular funcionamento da camoeça nacional, foi nomeada uma comissão composta dos mais considerados chumbadores da metropole para se entender com o governo sobre o caso.

A comissão, que procurou o Sr. Presidente do Conselho no dia 19, foi apresentada a S. Ex.<sup>a</sup> por um Sr. deputado em manifesto estado de embriaguez, a ponto de ter pulido na escada duas vezes, o que provocou manifestações calorosas, entusiasticas vivas ao illustre representante do povo e a *contta*.

A comissão, que entrou nos bordos para a sala de conselho de Estado, foi pouco depois recebido pelo Sr. Hintze com aquella amabilidade que caracteriza S. Ex.<sup>a</sup>



Então, o presidente, mettendo dois dedos á bocca, produziu uma extensa exposição que deixou o tapete n'uma miseria. Era exposição lucidamente preparada na Adena dos Prades; compunha-se de sete litros madurados nos solidos argumchitos que podem comportar dois pires de azeitonas — sem caroco.

O Sr. Hintze viu e ouviu tudo imperturbavel.

— Isto assim é que não póde continuar, o oisa! dizia um dos commissionedos. Olhe V. Ex.<sup>a</sup>, a Boa-Hora quebra.



— Olé, pois se ninguem se tacha! E enquanto o governo não der providencias, cerramos meio estomago em signal de protesto — e não vae nada daqui p'ra baixo!

Nisto ouviu-se ao fundo da sala um ronco efflictivo.

Que é isto? — interrogou o Sr. presidente do conselho.



E, informou o deputado representante dando um bordo, uma outra representação do alcool vinico, que fez causa commum com os figos de ceira. Teinha V. Ex.<sup>a</sup> muito ourello com esta questão, que é das que deitam um homem a terra.

O Sr. Hintze respondeu:

— O governo, que é um menino bem intencionado, fez tudo quanto poude para acudir á crise vinicola. Agora, das cinzas da velha questão, como das da Phenix da rua do Ouro, renasce a crise bebedicola, mais grave ainda pelas suas manifestações de ordem vomitativa. O governo sabe o que deve fazer. Vae mandar limpar tudo e abrir um mercado central de amoniaco.

A comissão retirou-se penhoradissima com o Sr. presidente do conselho, a quem á porta ainda recommendou:

— Attenda V. Ex.<sup>a</sup> ao estado em que nos encontramos!

Na escada houve um pequeno accidente por causa das trocas de chapéus e a grande comissão dirigiu-se para a Tendinha de pois de muito agradecer a cooperação do Sr. deputado que foi para casa nos braços de dois policias.



Como noticiaram incompletamente varios jornaes, uma comissão de ovarinas procurou ha dias o Sr. Ministro da Justica, que as mandou entrar de pois de deixarem as canastras no gabinete do Sr. Baima de Bastos.

As ovarinas vêm piedosamente supplicar a S. Ex.<sup>a</sup> que lhes mandasse abrir as portas da capella do Quelhas, onde costumavam receber as suas consolações espirituaes.

O Sr. ministro da justica, que é fino como coral, respondeu logo muito teso:

— Vocemecês já venderam o seu peixe? Bom! Agora, falo eu. Vocemecês andam aqui como Pilatos no Credo, puxando a brasa á sardinha do Sr. Cardeal Patriarcha. Mas não vae nada. Se querem consolações espirituaes — e eu não sou homem para negar isso a pobres mulheres — vão ás Francesinhas, que ficam perto do Quelhas. Vão, que hão-de gostar. Consolações de Francesinhas sempre foram coisa muito apreciada. Até são mal empregadas...

E S. Ex.<sup>a</sup> deu um suspiro como uma cabeça de comarca.



Paradoxo:

Afirmar que o João Franco é... sovina.

## TRUROMACIA



Estreia do cavalleiro PAPUSS na praça do PORTO

PHANTASIA



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

A INDIFFERENÇA MASCARA A MISERIA



Verberando o procedimento da ralé que ultimamente desatou os bispos do Porto, Coimbra e Bragança, o Sr. conselheiro Ennes, que está a pôr Gerez como uma criaçãooura, attribue esses factos esporádicos de maldade á má educação naci nak.

Erro de S. Ex.ª que escorega de vez em quando. Esses factos não se em t. da a parte — até nas partes mais bem educadas. Ainda ha dias em França o presidente do conselho foi corrido á laranja e ninguém se lembrou de attribuir isso á má educação dos francezes — nem ás laranjadas dos calles.

E maldade, é fígadeira. É aquillo que o Sr. Ennes tem, mas em fino: ngado, ngado! Com uma differença: no Sr. Ennes isso chama se:

Foite gras (azedum).

Na ralé chama se:

Isca (má educação).

Não é assim?

Ao sr. administrador do correio pedimos a esmolinha da sua intervenção n'este caso bicudo que temos a honra de levar ao conhecimento de S. Ex.ª: Que os nossos assignantes D. Maria da Conceição Duarte, João José da Silva Nunes e Thomaz Gonçalves dos Santos, todos residentes em logar fresco — Pedrouços — se veem quentes para receber a Parodia que lhe expedimos com uma regularidade que nenhum inglez será capaz de alcançar.

A coisa explica-se talvez pelo odio do carteiro do districto, (que talvez seja pessoa muito seria) aos jornaes satyricos. Mas nós é que não queremos saber de danças e não estamos para aturar a pandega postal, que não sae nada barata com a maquina das estampilhas e a pouca vergonha dos extravios. Extravios é indissimulo — e não offende.



Cumulo:

Metter-se no comboio para ir á Parede.



## CÁ A TERRINHA

### O NÃO-VALE-A-PENA

Nasceu... Isto, nascer, talvez não valha a pena...  
A morte é sempre grande e a existencia pequena.  
Foi crescendo... Viveu. Educaram no mal,  
Por não valer a pena. Emfim, é natural.  
O riso é um momento e a vida é uma hora.  
O sol de Portugal fez-lhe a cabeça loura.  
Cahiu no beatério. A raça que lhe acena.  
Viveu, — mas não amou, por não valer a pena...  
Deu em traste devoto, em devasvo mitrado.  
Por não valer a pena é que não foi honrado,  
Senão tel-o-hia sido. A virtude é serena...  
Mas isto, viva é vida, e não valia a pena...  
Filhos? Livrasse-o Deus. Era a maior desgraça.  
Nem valeria a pena o perpetuar a raça.  
E isto, ao legitimar, que distinguisse alguem  
Entre um filho do pae e entre um filho da mãe.  
«É um talento, olá!» diz-se á bocca pequena...  
Mas nunca produziu, por não valer a pena.  
Cahiu doente um dia, — acha, ue singular,  
Mas não valia a pena, e não se quiz curar.  
Viu apressar-se a morte, e como bom christão,  
Pediu tochas, pluvias, pálios e extrema unção.  
Morreu. E na agonia, — agonia serena —  
Perguntava: — «Morrer? Mas valerá a pena?»

CRISTUM DE JESUS

## Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

### Serviço: — Exploração — Pessoal

Está aberto o concurso para a admissão de alumnos nas Escolas de Praticantes de Lisboa e Coimbra.

Para serem admitidos ao concurso devem os candidatos apresentar, junto ao pedido escrito pelo proprio puñho e em papel combinado, os seguintes documentos:

1.º Certificado de exame de instrução primaria e de outras habilitações que tiverem;  
2.º Certificado de idade demonstrando que não tem menos de 15 annos nem mais de 25, se se destinarem ao serviço de estação; nem menos de 18 annos para os de 3.º, se se destinarem ao serviço de comboios;  
3.º Ter bom comportamento anterior devidamente comprovado.

Os pedidos serão dirigidos ao Engenheiro em Chefe da Exploração, em Santa Apolonia — Lisboa, até ao dia 25 do corrente.

Lisboa, 7 de Junho de 1901.

O Engenheiro em Chefe da Exploração  
A. de Vasconcellos Porto

### (Obrigações de 1.º grau)

O Conselho d'Administração d'esta Companhia tem a honra de avisar os srs. obrigacionistas de que, a datar de 1.º de Julho proximo futuro, será pago o coupon, n.º do 1.º semestre de 1901, das obrigações privilegiadas de 1.º grau, nos termos seguintes:

Pela apresentação do coupon N.º 15 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 5%, recebendo por cada coupon frs. 7,11 líquidos de impostos em França;

Pela apresentação do coupon N.º 15 das obrigações privilegiadas de 1.º grau de 4%, recebendo por cada coupon frs. 6,50 líquidos de impostos em França;

Pela apresentação do coupon N.º 15 da nova folha d'elles, annexas antigas obrigações de 2 1/2% — primeira se 75-188 (Beira Baixa) devidamente estampilhadas como obrigações privilegiadas de 1.º grau de 3%, e recebendo por cada coupon 6 marcos;

Pela apresentação do coupon N.º 11 da nova folha d'elles annexas as antigas obrigações de 1 1/2% (segunda e terceira series), devidamente estampilhadas como obrigações privilegiadas de 1.º grau do mesmo typo, e recebendo por cada coupon 9 marcos.

O pagamento será feito nos termos indicados desde o dia 1.º de Julho proximo futuro em Lisboa na sede da Companhia pelo cambio do dia e com isenção do imposto de rendimento para o thesouro portuguez em virtude do disposto do artigo 5.º da lei de 29 de Julho de 1899, publicada no Diário do Governo n.º 172 de 3 de Agosto seguinte.

O pagamento em França, Londres, Alemanha e Belgica será realizado tambem nos termos acima, desde a mesma data nos cofres dos correspondentes da Companhia Real, de accordo com os annuncios feitos em cada paiz.

Lisboa, Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes em 10 de Junho de 1901.

O Presidente do Conselho d'Administração

Antonio Maria Pereira Carrilho

### Transporte de gados

No dia 1.º de Julho proximo será posto em vigor em todas as linhas d'esta companhia a nova tarifa especial N.º 3 de pequena velocidade para o transporte de GADO VACUO GADO NEUDO E FERRO.

O transporte de gado meudo e de perus pode fazer-se em wagons pertencentes aos expedidores ou por elles postos á disposição da Companhia.

A tarifa acha-se affixada nas estações e está á venda no Serviço do Trafego, estação de Santa Apolonia, ao preço de 10 réis cada exemplar.

Lisboa, 18 de Junho de 1901.

O Director Geral da Companhia  
Chapuy.

## A PARODIA

O 1.º volume encadernado com a capa especial

Preço 2\$500 réis

Capa para encadernação do 1.º volume

A Administração encarrega se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos de volume devem vir acompanhados de 200 réis, e de capa, de 40 réis para porte do correio.

A alegria do Porto  
ou o Porto alegre

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)



Temos o Porto um reinata!  
Perdido já o ar casmurro,  
Eis que elle anda hoje e á data,  
Mercê da régia visjata  
Contente,—mas como burro!

Ninguem o topa com freimas!  
Não olha a gente trombudo!  
Não tem testilhas nem teimas,  
Vae melhor das almorreimas,  
Stá mesmo capaz de tudo!

Em massas nada em redor!  
As libras sobem-lhe ao bico!  
E até já canta de côr  
—Carño, no hay mejor  
Café que el de Puerto-rico!

E ao vêr que ás ilhas a nado  
Lá vão da côrte as flotilhas,  
Manda chamar o Arriscado  
E Co Mouco e o Sarrea Prado,  
Percorre tambem as ilhas!



Não! d'um tal despenhabeiro  
Não solaria o frambolho!  
Por d'ummo e-corre e certeiro  
Que o Hintze ditto r'ibeiro  
Pra com murchos tem olho!

Sera febre d'alegria  
Que acaso murcha em prefecto?  
Não que o Hintze ralharria  
E a gente de ca gira:  
—Se estava murcho... hintrazco!



Sim, tem olhe, amigos meus!  
E tanto mais comprovado,  
Que lá dos confins dos ceus  
Oíço ainda o João de Deus  
Dizer á turba, inspirado:

Eu, olho, sei d'un,  
Que desde que o vi,  
Não vi mais nenhum!



TITO LITHO.

MR. MONTEAROSO

EM VIAGEM PARA OS AÇORES

SOBRE AS AGUAS "DI O MAR."



— Enjoemos juntos — carga ao mar. Aguenta-te no balanço.